

## A PRÁXIS MARXISTA E O INTELLECTUAL ORGÂNICO EM GRAMSCI: A EMANCIPAÇÃO HUMANA COMO HORIZONTE

## LA PRAXIS MARXISTA Y EL INTELLECTUAL ORGÁNICO EN GRAMSCI: LA EMANCIPACIÓN HUMANA COMO HORIZONTE

## THE MARXIST PRAXIS AND THE ORGANIC INTELLECTUAL IN GRAMSCI: HUMAN EMANCIPATION AS HORIZON

Regis Clemente da Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivo discutir o conceito de práxis em Marx, o conceito de intelectual orgânico em Gramsci e as suas inter-relações em vista da efetivação emancipação humana, uma vez que, em ambos, está contida a concepção teórico-prática, inerente ao método materialista histórico e dialético. O artigo traz a fundamentação dos conceitos a partir das obras de Marx, Marx e Engels e de Gramsci, assim como de comentadores. É possível inferir, que a práxis, segundo a perspectiva de Marx requer sujeitos concretos para sua efetivação e esse conceito está diretamente relacionado ao intelectual orgânico, na obra de Gramsci. Ambos, portanto, atuam na perspectiva da efetivação da emancipação humana.

**Palavras-Chave:** Práxis marxista; Intelectual orgânico; Emancipação humana.

**Resumen:** Este artículo pretende discutir el concepto de praxis en Marx, el concepto de intelectual orgánico en Gramsci y sus interrelaciones en vista de la efectividad de la emancipación humana, ya que en ambos está contenida la concepción teórico-práctica. Es inherente al método materialista histórico y dialéctico. El artículo presenta los fundamentos de los conceptos de las obras de Marx, Marx y Engels y Gramsci, así como los comentaristas. Es posible inferir que, según la perspectiva de Marx, la praxis requiere temas concretos para su realización, y este concepto está directamente relacionado con el intelectual orgánico en el trabajo de Gramsci. Ambos, por lo tanto, actúan en la perspectiva de la realización de la emancipación humana.

**Palabras-clave:** Praxis marxista; Intelectual orgánico; Emancipación humana.

**Abstract:** This article aims to discuss the concept of praxis in Marx, the concept of organic intellectual in Gramsci and their interrelations in view of the effectiveness of human emancipation, since in both, the theoretical-practical conception is contained, inherent in the historical and dialectical materialist method. The article brings the fundamentals of concepts from the works of Marx, Marx and Engels and Gramsci, as well as commentators. It is possible to infer that, according to Marx's perspective, praxis requires concrete subjects for its realization, and this concept is directly related to the organic intellectual in Gramsci's work. Both, therefore, act in the perspective of the realization of human emancipation.

**Keywords:** Marxist praxis; Organic intellectual; Human emancipation.

### *Introdução*

Os trabalhos de pesquisadores/as a partir do método materialista histórico e dialético, implica em estudos rigorosos, submetidos a critérios acadêmicos, científicos e estão presentes em diversas áreas do conhecimento, com enormes contribuições à problematização, à compreensão e à ação diante de temas relevantes na sociedade.

No entanto, requer atenção, o rigor metodológico, conforme apontado por Marx. É necessário que as questões referentes à prática social, à inserção de tais pesquisadores ou pesquisadoras junto às lutas da classe trabalhadora, junto aos movimentos sociais, junto aos sindicatos, partidos políticos ou em outras frentes de atuação estejam contempladas, de maneira concreta. Para além do ambiente acadêmico ou da produção teórica, a prática não pode estar desvinculada da teoria ou vice versa. Para Marx, teoria e prática são indissociáveis. Esse requisito, no método de Marx, é condição para a coerência com seu método e para a efetivação da emancipação humana.

Karl Marx, discutiu a emancipação humana em algumas de suas obras, como a *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (2010a), *Glosas críticas* (2010b), *Sobre a questão judaica* (2010), *O Capital: crítica da economia política - Livro 1* (2003). Na perspectiva de Marx, para que se efetive a emancipação humana, necessita-se a superação da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista.

Em se tratando do significado de emancipação humana, Tonet (2005), afirma que a utilização dessa expressão é em substituição à categoria comunismo, pois, o uso dessa categoria “foi deformado pelos embates da luta ideológica que torna extremamente difícil uma discussão mais serena a seu respeito.” (TONET, 2005, p. 79). Ainda, conforme Tonet (2005, p. 79), “emancipação humana para Marx, nada mais é do que um outro nome para comunismo [...]”.

Ao longo dos seus anos de estudos, Karl Marx, (1818-1873), definiu a sociedade burguesa como complexa. Para isso, a fim de compreender sua gênese, consolidação e desenvolvimento, bem como as condições de crise dessa sociedade fundada no modo de produção capitalista, formulou o método materialista histórico e dialético.

O método de Marx é de grande relevância para que a transformação da sociedade e para que a concretização da emancipação humana se torne realidade. Com seu método, Marx inverte a lógica até então praticada, pois os demais métodos, entre eles o de Hegel, que analisou o mundo do ponto de vista idealista, limitava-se à emancipação política.

Em seus estudos sobre o materialismo histórico e dialético, Marx afirmava que, para ele se efetivar, requer sujeitos concretos em sua ação. É nesse contexto, que encontramos em Marx e Engels (2001), nas *Teses sobre Feuerbach*, a relação da práxis e sua importância para a transformação da realidade. Nessas teses encontramos a afirmação de que “os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo”. (MARX; ENGELS, 2001, p. 103).

A obra *Teses Sobre Feurbach* foi elaborada por Marx, porém, só foi publicada após sua morte. Engels foi quem a encontrou e a publicou. Ao se referir às teses, Engels (apud LABICA, 1990, p. 10-11) explica que se trata de um documento de valor inestimável “onde estaria depositado o germe genial da nova concepção do mundo”.

No século XX, Antônio Gramsci (1891-1937), teórico marxista, em seus estudos sobre o materialismo histórico e dialético, chamado por ele de filosofia da práxis, abordou questões concernentes à efetivação da transformação social, considerando as ações concretas na sociedade.

Em suas abordagens sobre a práxis, embasadas em Marx, afirma que, nesse método, teoria e prática se inter-relacionam e uma não pode existir sem a outra.

Para Gramsci, a práxis é efetivada a partir das ações do intelectual orgânico, como um sujeito concreto, que, inserido em sua realidade social, atua para modificar o ambiente, a vida societária, suscitando novas maneiras de pensar e agir com a finalidade da transformação social.

Nesse sentido, esse artigo tem como objetivo discutir o conceito de práxis em Marx, o conceito de intelectual orgânico em Gramsci e as suas inter-relações em vista da efetivação emancipação humana, uma vez que, em ambos, está contida a concepção teórico-prática, inerente ao método materialista histórico e dialético.

Esse estudo e discussão está embasado nas obras de Marx (2003; 2010a; 2010b), Marx e Engels (2001), Gramsci (1999; 2001; 2007), assim como em comentadores dessas obras, como Labica (1990), Vázquez (2011), Lenin (1978), Chatelet (1972), Netto (2011), Liguori e Voza (2017), Schlesener (2013), Tonet (2005).

Destarte, a práxis marxista aponta para os sujeitos e suas ações teórico-práticas e o intelectual orgânico, segundo Gramsci, está diretamente ligado à produção teórica e a atuação desse sujeito, junto à classe trabalhadora, na mesma perspectiva. O intelectual orgânico se faz ativo na sociedade, atuando na sua organização, como agente político, social e como organizador da cultura. Ele vai além da sua função meramente de especialista, tornando-se dirigente político.

Espera-se que essa abordagem e discussão contribuam para a compreensão conceitual, assim como para o apontamento de perspectivas de atuação dos sujeitos na organização do projeto societário e das ações para mobilizar a classe trabalhadora a lutar em defesa desta proposta ético-política, com vistas à emancipação humana.

### ***A práxis marxista***

Em se tratando da conceituação de práxis, Marx e Engels (2001, p. 100), afirmam que “é na práxis que o homem precisa provar a verdade, isto é, a realidade e a força, a terrenalidade do seu pensamento. A discussão sobre a realidade ou a irrealidade do pensamento – isolado da práxis – é puramente escolástica”.

Essa constatação nos remete ao método materialista histórico e dialético formulado por Marx que, para se efetivar, requer sujeitos concretos em sua ação, ou seja, de práxis. A ausência da práxis, no entanto, foi motivo de críticas de Marx aos pensadores de sua época que se definiam materialistas, porém, dizia Marx, um materialismo apenas no plano teórico, desvinculado da prática, como Feuerbach, por exemplo. (MARX; ENGELS, 2001).

Nesse contexto, Marx elaborou onze teses, denominadas por ele *Teses sobre Feuerbach*. Engels as publicou após a morte de Marx (LABICA, 1990). Nas onze teses apresentadas por Marx sobre Feuerbach, são abordadas questões relativas à práxis, porém, esta não é a palavra mestra, mas sim, a

revolução que é o seu ponto de partida e o ponto de chegada, porém, a revolução, como ponto de chegada, entendida como necessária. (LABICA, 1990, p. 188).

Em relação à práxis, Marx afirma que, Feuerbach, “não compreende a importância da atividade ‘revolucionária’, e da atividade ‘prático-crítica’”. (MARX; ENGELS, 2001, p. 99). Essa afirmação se refere à crítica de Marx ao materialismo e ao idealismo de Feuerbach. Conforme aponta Labica, (1990, p. 188) ao se chegar à tese onze, há o convite a “refazer ao inverso o longo e trabalhoso percurso que era o seu, ainda que ele só faça fechar a corrente, já que o ponto de partida (T. 1) - a revolução - é o mesmo de chegada, com uma ressalva: sob a forma de sua necessidade”.

É por meio da práxis que a transformação se efetivará, pois há a inter-relação entre teoria e prática, realidade e pensamento, objetivo e subjetivo, concreto e abstrato. Entre os pensadores marxistas há o entendimento da correlação entre teoria e prática e que ambas desencadeiam a transformação, quando efetivadas em práxis. Lenin, um dos grandes pensadores marxistas e uma das principais lideranças da Revolução Russa, em 1917, contribuiu nessa fundamentação de base marxista, ratificando que “sem teoria revolucionária não existe movimento revolucionário”. (LENIN, 1978).

A prática é definida como práxis por Marx, pois, é por meio dessa ação consciente da pessoa, a partir da constatação da necessidade de transformação que se insere a organização e a luta dos trabalhadores. (VÁZQUEZ, 2011).

Nesse contexto, em relação à práxis, Vázquez (2011, p. 237) afirma que

A filosofia marxista, sendo necessariamente uma interpretação científica do mundo, corresponde às necessidades práticas humanas; expressa, por sua vez, uma prática existente e, por outro lado, aspira conscientemente a ser guia de uma práxis revolucionária. [...] o fato de conceber-se a si mesma em função da práxis, isto é, integrando assim a práxis revolucionária como fim da teoria. A teoria em si – nesse, como em qualquer outro caso – não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem de sair de si mesma [...].

Portanto, para o método materialista histórico e dialético, a práxis é inerente ao processo. (MARX; ENGELS, 2001). Esse diferencial marxista é que compõe o método em sua completude e coerência. “Em suma, a práxis se apresenta como uma atividade material transformadora e adequada aos fins. Fora dela, fica a atividade teórica que não se materializa, na medida em que é atividade espiritual pura”. (VÁZQUEZ, 2011, p. 239).

Marx é quem primeiro apresentou essa perspectiva e rompeu com o idealismo de seu tempo, apresentando uma nova forma de ver, pensar e agir no mundo, superando sua mera compreensão, em vista da transformação.

Em uma das *Teses sobre Feuerbach*, Marx e Engels (2001, p. 103) encontra-se a afirmação de que “os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo”. Essa é a tese número 11 e, nela, Marx explicita seu pensamento e sua referência aos filósofos e a relação destes com a transformação do mundo.

A interpretação do mundo pelos filósofos, no entanto, não é desqualificada por Marx, porém ele afirma a necessidade de se dar os passos seguintes rumo à transformação, afinal, as

interpretações do mundo foram feitas de diversas maneiras e por diversos filósofos, porém, na perspectiva de Marx, o que realmente importa é a transformação.

Marx, influenciado por Hegel, em sua fase de formação, na juventude, esteve muito próximo à esquerda hegeliana, segundo Chatelet (1972, p. 254). O jovem Marx, integrante do movimento jovem hegeliano, assume a filosofia com um caráter político. (CHATELET, 1972). Esse movimento exalta a convicção prática dada pelo conhecimento, elaborando uma

[...] ‘filosofia da práxis’ visando eliminar os elementos irracionais da existência empírica. Na medida em que é precisamente no nível do que deveria ser a Razão objetivada, no nível do Estado, que esses elementos se manifestam, essa filosofia assume um caráter diretamente político. (CHATELET, 1972, p. 150-151).

O sentido de práxis e a ação política dos jovens hegelianos, no entanto “[...] não vai além da polêmica; esforça-se em influenciar a opinião pública, cultivada, convencer os governantes; mas não organiza, a bem dizer, uma ação histórica efetiva”. (CHATELET, 1972, p. 159).

Para os jovens hegelianos, o Estado, sob a influência do pensamento (hegeliano) racional e absoluto, não poderia permanecer na perspectiva do idealismo e admitir fundamentos religiosos, que na interpretação destes jovens filósofos era fator de alienação, dominação e estagnação, favorecendo o governo prussiano. Como afirma Chatelet (1972, p. 160), o hegelianismo de esquerda, mostra-se incapaz de sair dos dilemas e das dificuldades que condenavam a metafísica às discussões intermináveis; [...].”

É nesse contexto que Marx, atuante na esquerda hegeliana, compreende os limites do pensamento idealista de Hegel e, diante da desilusão e da perseguição do governo prussiano, percebe que a emancipação humana não poderia se realizar por meio do Estado, vindo a romper com essa concepção filosófica.

Na perspectiva do rompimento com o pensamento hegeliano, Schlesener (2013, p. 8) afirma que “Marx procurou entender o homem a partir de sua historicidade, em cujo movimento produz a sua vida e a aperfeiçoa por meio do trabalho”. A ruptura do jovem Marx, evidencia a diferenciação de posições e concepções de mundo em relação à emancipação política de Hegel, em que o “Estado domina a sociedade civil e priva o indivíduo de sua realidade empírica, nele reconhecendo apenas seu ser-formal: a cidadania”. (CHATELET, 1972, p. 196)

Marx dedicou longos anos de sua vida ao estudo e às análises concretas da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista. Sobre isso, Netto (2011, p. 17) afirma: “de fato, pode-se circunscrever como *o problema central* da pesquisa marxiana a gênese, a consolidação, o desenvolvimento e as condições de crise da sociedade burguesa, fundada no modo de produção capitalista”. Encontramos, também, em José Paulo Netto, referências do tempo dedicado por Marx à pesquisa de que resultaram as bases de sua teoria social, ocupando-o por mais de 40 anos. (NETTO, 2011).

Ao analisar exaustivamente a complexidade da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista, Marx, apresentou suas contradições e o caminho possível para se findar a exploração do

homem pelo homem. É nesse contexto que a afirmação de Marx, sobre a filosofia e os filósofos, está relacionada à sua produção e atuação jornalística e política, envolvendo teoria e prática. Para Netto (2011, p. 11), “Marx nunca foi um obediente servidor da ordem burguesa: foi um pensador que colocou, na sua vida e na sua obra, a pesquisa da verdade a serviço dos trabalhadores e da revolução socialista”.

O papel da filosofia na transformação da sociedade é reforçado ainda mais por Marx, ao relacioná-la como sendo a cabeça (cérebro) da emancipação humana e afirmando que ela só se realizará com a extinção do proletariado e, por sua vez, o proletariado só será abolido com a realização da filosofia.

*A emancipação do alemão é a emancipação do homem. A cabeça dessa emancipação é a filosofia, o proletariado é seu coração. A filosofia não pode se efetivar sem a supressão [Aufhebung] do proletariado, o proletariado não pode se supressumir sem a efetivação da filosofia. (MARX, 2010a, p. 157).*

As referências sobre a práxis e sua relação com o método de Marx lançam as bases para a compreensão da obra de Gramsci, no que se refere à filosofia da práxis e ao intelectual orgânico.

### ***O intelectual orgânico em Gramsci***

Os intelectuais são analisados na obra de Gramsci “[...] como agentes políticos determinantes, isto é, como estrategistas responsáveis pelas funções de domínio e direção cultural”, como aponta (VIEIRA, 2008, p. 76). O engajamento, dos intelectuais, vem de outras épocas, não sendo, portanto, uma posição nova, porém, segundo Vieira (2008), o enfoque gramsciano sobre as diferentes dimensões do trabalho intelectual representa uma posição original.

É importante ressaltar que

*O trabalho intelectual em Gramsci não se esgota na produção do conhecimento científico, artístico ou filosófico, de maneira que a disseminação do saber, os processos de organização e de direção das instituições e dos movimentos sociais são considerados, também, facetas desse processo de organização da cultura. (VIEIRA, 2008, p. 76).*

É nessa perspectiva que se dá, segundo Gramsci (2001), a relação do intelectual com a organicidade da sociedade, ou seja, sua inserção é parte do todo dessa sociedade, com o diferencial de que esse sujeito tem em suas ações o empenho na elaboração e efetivação de um projeto de sociedade voltado à classe à qual pertence, de maneira que as concepções teóricas e o conhecimento acadêmico e científico estejam diretamente ligados à atuação na sociedade, por meio de um projeto político, como partícipe das ações culturais.

O projeto da classe a que se refere Gramsci se contrapõe ao projeto da classe burguesa e sua hegemonia perante a sociedade. Nesse sentido, a classe subalterna cria seus próprios intelectuais e seus grupos de intelectuais, a fim de constituir um projeto político que se efetiva pela luta política e uma nova forma de domínio e de direção política. O intelectual orgânico à classe subalterna, chamado

de moderno príncipe por Gramsci, representava o projeto político do dirigente comunista (VIEIRA, 2008).

Ao afirmar que todo grupo social cria para si intelectuais para dar homogeneidade e consciência da própria função, Gramsci (2001) denota que, cada classe, tem os seus intelectuais, inclusive intelectuais orgânicos, por estarem inseridos no conjunto da sua classe e na elaboração do referido projeto dessa mesma classe.

Ainda, nessa perspectiva, Gramsci (2001, p. 18) sustenta que “[...] todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais”, ou seja, para Gramsci, o intelectual só se configura como tal, quando está em relação direta com a organização da classe em que está inserido, de modo a intervir nesses espaços de atuação, criando um sistema de ideias em vista da adesão da classe, embasado numa visão de mundo calcada na transformação. A tarefa de elaborar o projeto e de organizar a classe é atribuída ao intelectual orgânico.

A abordagem em relação aos intelectuais orgânicos, apresentada por Gramsci (2001), traz uma vasta fundamentação no que diz respeito à produção de intelectuais pelas classes dominantes, inclusive com a criação de escolas especializadas na função de preparar o intelectual em instituições de alta cultura. Nesse contexto, o pensador italiano discute as relações que envolvem a escola nesse processo que, tradicionalmente, produz intelectuais, frutos de processos históricos tradicionais concretos.

Vale ressaltar a questão de que o intelectual não se restringe a uma determinada classe, porém o resultado de sua atuação é sim, produto da classe à qual pertence e está inserido organicamente. Para Gramsci (2001, p. 53), “[...] não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*”.

O pensador italiano, ao discutir a questão da terrenalidade do pensamento, relaciona a filosofia da práxis – termo utilizado por ele para se referir ao materialismo histórico – com a concepção do mundo, reforçando a afirmação de que o *homo faber* não se separa do *homo sapiens*, bem como fundamentando suas afirmações no que tange à atuação do intelectual orgânico, ligado à uma classe e à uma realidade concreta, em vista de sua transformação. Esses intelectuais, por sua vez, estão ligados à uma série de intelectuais dessa mesma classe, que apoia os interesses inerentes à ela.

O termo filosofia da práxis foi criado por Gramsci no cárcere, imposto a ele pelo regime fascista. Para alguns, esse termo foi criado por Gramsci para romper a barreira da censura dos seus escritos, porém, há também, o fato de que a substituição do termo marxismo por filosofia da práxis deve-se ao melhor modo com que Gramsci concebia o marxismo. (VÁZQUEZ, 2011). Para evitar a censura carcerária, que se acentua a partir de 1931, Gramsci usa quase sempre “fundador da filosofia da práxis” para se referir a Marx. Em outras notas, usa também “principal fundador” ou “corifeu da filosofia da práxis”. No plural, a expressão se refere a Marx e Engels. (GRAMSCI, 1999).

Nesse contexto, portanto, Gramsci (1999, p. 154), afirma que,

No plano teórico, a filosofia da práxis não se confunde e não se reduz a nenhuma outra filosofia: ela não é original apenas enquanto supera as filosofias precedentes,

mas, sobretudo, enquanto abre um caminho inteiramente novo, isto é, renova de cima a baixo o modo de conceber a própria filosofia.

Nesse sentido, ele ressalta a diferença existente entre a filosofia da práxis e as demais filosofias,

Existe, porém, uma diferença fundamental entre a filosofia da práxis e as outras filosofias: as outras ideologias são criações inorgânicas porque contraditórias, porque voltadas para a conciliação de interesses opostos e contraditórios; a sua “historicidade” será breve, já que a contradição aflora após cada evento do qual foram instrumento. A filosofia da práxis, ao contrário, não tende a resolver pacificamente as contradições existentes na história e na sociedade, ou, melhor, ela é a própria teoria de tais contradições; não é o instrumento de governo de grupos dominantes para obter o consentimento e exercer a hegemonia sobre as classes subalternas; é a expressão destas classes subalternas que querem educar a si mesmas na arte de governo e que têm interesse em conhecer todas as verdades, inclusive as desagradáveis, e em evitar os enganos (impossíveis) da classe superior e, ainda mais, de si mesmas. (GRAMSCI, 1999, p. 388).

A filosofia da práxis, segundo Gramsci, nasce da crítica ao hegelianismo, assim como nasce o idealismo moderno, no entanto, ele confronta o imanentismo hegeliano, dizendo que “imanentismo hegeliano torna-se historicismo; mas só é historicismo absoluto com a filosofia da práxis, historicismo absoluto ou humanismo absoluto”. (GRAMSCI, 1999, p. 265). Aponta também, que “a filosofia da práxis é o historicismo absoluto, a mundanização e terrenalidade absoluta do pensamento, um humanismo absoluto da história”. (GRAMSCI, 1999, p. 155). Vázquez (2011, p. 61) corrobora com essa discussão e destaca que “[...] a práxis é, para Gramsci, a categoria central porque para ele o que existe, como resultado da ação transformadora dos homens, é práxis”.

A filosofia da práxis, na definição de Antônio Gramsci, inclui a compreensão de que todos os homens/mulheres são filósofos/as. Esse destaque é relevante, pois daí deriva a afirmação de que quando as classes subalternas se apropriarem da visão de mundo, da concepção filosófica da classe a qual pertencem, também terão se apropriado da transformação da realidade, a partir da elevação do senso comum, ao bom senso (GRAMSCI, 1999).

Essa compreensão também está relacionada a não aceitação por parte da classe subalterna, de maneira passiva, à imposição de uma concepção do mundo, mas elaborar a sua própria “de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo”. (GRAMSCI, 1999, p. 94).

Ao nos propormos ao estudo sobre a práxis em Marx e o intelectual orgânico em Gramsci tendo como horizonte a emancipação humana, questões como a construção do projeto societário e formativo estão presentes, assim como a militância que extrapola os limites da atuação meramente profissional, pois

Todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo” um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 2001, p. 53).

Além disso, destaca-se que o intelectual não pode se restringir à eloquência, aos afetos e paixões, mas estar ativo na sociedade, como seu organizador, como agente político, como agente social, como organizador da cultura, a fim de superar a função de especialista, tornando-se dirigente político,

[...] mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, ‘persuasor permanentemente’, já que não apenas orador puro — mas superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho, chega à técnica-ciência e à concepção humanista histórica, sem a qual permanece “especialista” e não se torna “dirigente” (especialista + político). (GRAMSCI, 2001, p. 53).

Para o intelectual sardenho, há outra relação inerente ao intelectual orgânico, que é seu vínculo com o partido e do partido com o intelectual, asseverando que, para alguns grupos sociais, o partido político elabora sua própria categoria de intelectuais orgânicos, formados no processo do grupo social, envolvendo o campo político e filosófico, e não no campo da técnica produtiva, ou seja, o processo de formação do intelectual no partido se dá numa organicidade entre a ação do partido e a ação do intelectual no partido e na sociedade (GRAMSCI, 2001).

Ainda sobre o partido, dentre as várias menções a esse tema, Gramsci aponta que ele desempenha, na sociedade civil, a mesma função do Estado, porém,

[...] de modo mais vasto e mais sintético, na sociedade política, ou seja, proporciona a soldagem entre intelectuais orgânicos de um dado grupo, o dominante, e intelectuais tradicionais; e esta função é desempenhada pelo partido precisamente na dependência de sua função fundamental, que é a de elaborar os próprios componentes, elementos de um grupo social nascido e desenvolvido como ‘econômico’, até transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política. (GRAMSCI, 2001, p. 24)

O intelectual orgânico, atuante no partido e responsável pela elaboração e execução de um projeto societário, no entanto, precisa estar vinculado também a uma concepção do mundo, ou seja, à construção de uma mudança que é cultural. A concepção do mundo, para Gramsci, está vinculada à filosofia, não obstante, o intelectual orgânico e o filósofo são os sujeitos do processo político e cultural, pois não se separam “[...] o filósofo e pensador não podia ser destacado do homem político e de partido” (GRAMSCI, 1999, p. 397). Ainda, neste sentido, “[...] o verdadeiro filósofo é - e não pode deixar de ser - nada mais do que o político, isto é, o homem ativo que modifica o ambiente, entendido por ambiente o conjunto das relações de que todo indivíduo faz parte”. (GRAMSCI, 1999, p. 413)

A atuação política do homem ativo, do filósofo, para Gramsci, está relacionada à modificação do ambiente e da vida societária, e quando se refere ao ambiente, como o conjunto das relações, destaca as práticas culturais que são produzidas e se voltam à compreensão da realidade. Vieira (1999, p. 133) assevera que “[...] a efetividade de uma filosofia está no fato de ela se tornar concepção da realidade de um grupamento social, de promover práticas, ações políticas que modificam o ambiente cultural”.

Novamente, a filosofia da práxis toma a centralidade, pois, ela não busca manter o senso comum dentre os “simples”, ao contrário, busca conduzi-los a uma concepção de vida superior. Para a filosofia da práxis, o contato dos intelectuais com os “simples”, não deve limitar a atividade

científica, mantendo o nível inferior das massas, mas, visar o progresso intelectual das massas, forjando um bloco intelectual-moral, que torne esse projeto politicamente possível às massas e não apenas a pequenos grupos de intelectuais. (GRAMSCI, 1999)

Gramsci, fundamenta que a construção de um projeto societário se dará a partir da cultura, entendida como uma função prática e como concepção do mundo, pois “[...] a tarefa dos intelectuais é determinar e organizar a reforma moral e intelectual, isto é, adequar a cultura à função prática” (GRAMSCI, 1999, p. 126). A adequação da tarefa dos intelectuais em determinar e organizar a reforma moral e intelectual, adequando a cultura à função prática, é analisado por Liguori e Voza (2017) como uma revolução cultural.

Para Gramsci, faz-se necessário, a partir da filosofia da práxis, que se construa uma nova cultura, de maneira a dar outro significado à verdade, uma vez que ela é revolucionária. Essa nova cultura, ligada à realidade, às necessidades e aos interesses dos trabalhadores, só será possível por meio da ação dos intelectuais orgânicos que as classes subalternas tenham criado. (GRAMSCI, 1999).

Dessa forma, considera-se a necessidade de os intelectuais orgânicos, ligados à classe proletária, elaborarem e organizarem as experiências junto à classe trabalhadora, unindo teoria e prática, ação revolucionária e ação intelectual, que se traduz na filosofia da práxis.

A fundamentação explicitada por Gramsci em relação à atuação do intelectual no projeto societário, como organizador da cultura e na reforma cultural está relacionada à sua própria atuação na sociedade italiana, como filósofo, jornalista, como editor de jornal, dentre eles o *L'Ordine Nuovo*, deputado e militante comunista na Itália e com intervenções na luta comunista em outros países, numa concepção de luta internacional. Gramsci, portanto, atuava na elaboração e na efetivação de um projeto de sociedade comunista.

Pensar a concepção de uma nova cultura, entendida e praticada como propulsora de uma nova forma de sociabilidade, tendo os operários como dirigentes, demanda um projeto formativo. É nesse sentido, segundo Vieira (1999), que Gramsci também aponta que essa formação deveria chegar às massas e ser realizada pelo partido. Esse processo de formação deveria compor o estudo sobre os problemas locais da classe trabalhadora italiana, a fim de formar dirigentes e operários capazes de dirigir não só a produção, mas também a sociedade, no entanto, a nova associação de cultura estaria ligada ao partido e não mais ao jornal ou ao sindicato que assume as tarefas de sua organização e difusão.

A ação formativa em Gramsci, no que tange ao projeto societário, é parte da implementação do projeto de uma classe se fazer hegemônica, rompendo com a influência da classe dominante. Suas abordagens em relação ao partido estão relacionadas à obra ‘O Príncipe’, do pensador Maquiavel.

Gramsci, salienta que,

*O Príncipe* de Maquiavel poderia ser estudado como uma exemplificação histórica do “mito” soreliano, isto é, de uma ideologia política que se apresenta não como fria utopia nem como raciocínio doutrinário, mas como uma criação da fantasia concreta que atua sobre um povo disperso e pulverizado para despertar e organizar sua vontade coletiva. (GRAMSCI, 2007, p. 13).

Nesse sentido, para Gramsci, Maquiavel daria início a um tipo novo de Estado e de sociedade. Nessa concepção, o partido é entendido como o impulsionador de uma nova cultura. Destarte, Gramsci, denomina esse partido como moderno Príncipe. O partido, a que ele se refere, é o Partido Comunista, que, por sua vez, é encarado como agente da vontade coletiva transformadora, que milita em favor da reforma intelectual e moral, como expressão da organização de uma vontade coletiva das massas.

Segundo Liguori e Voza (2017), o uso da expressão moderno Príncipe para referir-se ao Partido Comunista está relacionada também com as condições carcerárias a que Gramsci esteve submetido, na Itália, e ao fato de que seus escritos eram lidos por aqueles que o mantinham na prisão. As reflexões sobre o Partido Comunista estão presentes em diversas partes da obra gramsciana e não somente naquelas dedicadas ao moderno Príncipe, pois se compõem de reflexões sobre a ação política desenvolvida e a se desenvolver.

Gramsci, afirma que o moderno Príncipe,

não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto, só pode ser um organismo, um elemento complexo de sociedade no qual já tenha tido início a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e afirmada parcialmente na ação. Este organismo já está dado pelo desenvolvimento histórico e é o partido político, a primeira célula na qual se sintetizam germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais. (GRAMSCI, 2007, p. 16).

Não obstante, o intelectual sardenho, assevera também que

O moderno príncipe deve e não pode deixar de ser o anunciador e o organizador de uma reforma intelectual e moral, o que significa, de resto, criar o terreno para um novo desenvolvimento da vontade coletiva nacional-popular no sentido da realização de uma forma superior e total de civilização moderna. (GRAMSCI, 2007, p. 18).

Schlesener (1992, p. 29) corrobora com essa discussão sobre o partido em Gramsci, ao salientar que o partido é o “[...] organismo criado pelas próprias massas como instrumento de luta e de autoeducação, de elaboração e difusão de uma nova concepção do mundo”.

O partido é também o articulador de alianças entre as classes operárias, pois sua função está em atuar na construção e na defesa do projeto hegemônico da classe trabalhadora. No seio da classe operária, terá sido forjada a classe dirigente, o intelectual orgânico dessa classe, como fruto dos processos formativos e educativos. Os intelectuais orgânicos dessa classe, por sua vez, atuarão na organização da cultura e na formação das gerações, numa luta cultural para transformar a mentalidade popular, nessa mesma perspectiva, numa relação direta com a práxis.

### **Conclusão**

Esse artigo objetivou discutir o conceito de práxis em Marx, o conceito de intelectual orgânico em Gramsci e as suas inter-relações em vista da efetivação emancipação humana, uma vez que, em ambos, está contida a concepção teórico-prática, inerente ao método materialista histórico e dialético.

Podemos afirmar que o método materialista histórico e dialético elaborado por Marx ao longo de quatro décadas, explícita a necessidade da existência de sujeitos concretos na efetivação da emancipação humana. Como parte dos estudos, discussões e ações de Marx, portanto, se evidencia a práxis, de maneira que a teoria e a prática, se inter-relacionam, se complementam e o método de Marx, de fato seja aplicado conforme sua finalidade.

Gramsci, no século XX, embasou seus estudos na obra de Marx e discutiu outros conceitos a partir dessa teoria, como por exemplo, intelectual orgânico. As referências gramscianas perpassam a práxis marxista, de maneira que o sujeito da ação, para Gramsci é o intelectual orgânico. A finalidade das ações discutidas por Gramsci, em relação ao intelectual orgânico, convergem com aquelas apontadas por Marx, voltadas à emancipação humana.

Nesse sentido, é possível inferir, que a práxis, segundo a perspectiva de Marx está diretamente relacionada às ações do intelectual orgânico, na obra de Gramsci. Ambos, portanto, atuam na perspectiva da efetivação da emancipação humana, que pressupõem a superação da sociedade burguesa, o modo de produção capitalista e a exploração do homem pelo próprio homem.

Pode-se observar, ainda, que o aprofundamento das discussões dos fundamentos dos conceitos de práxis em Marx e de intelectual orgânico em Gramsci, contribuem para a superação de dilemas e contradições que também são parte da relação entre teoria, prática e práxis.

É possível inferir ainda, que, assim como se faz necessária a atenção ao sentido da práxis por parte daqueles que se dedicam à produção teórica, acadêmica científica, se necessita de atenção à formação teórica daqueles que se dedicam às práticas, evitando-se as ações espontaneístas, praticistas que carecem de estudo teórico, como aponta Lenin (1978) “sem teoria revolucionária não existe movimento revolucionário”.

As condições para a efetivação da emancipação humana, portanto, na perspectiva de Marx e Gramsci, serão possíveis, à medida em que a práxis marxista e as ações do intelectual orgânico à classe trabalhadora, de fato, mantiverem a coerência com o método materialista histórico e dialético pois, em ambos os conceitos estão as condições inerentes à essa efetivação.

### **Referências**

- CHATELET, Francois. **Logos e praxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1. 1999.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2. 2001.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 3. 2007.
- LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. (Org.). **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo. 2017.
- LENIN, Vladimir. I. **Que Fazer?** São Paulo: Hucitec, 1978.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010a.

MARX, Karl. **Glosas críticas:** marginais ao artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social”. De um Prussiano. São Paulo: Expressão Popular, 2010b.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica.** São Paulo: Boitempo, 2010c.

MARX, Karl. **O Capital:** crítica da economia política - Livro 1. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 1.

SCHLESNER, Anita Helena. **Hegemonia e cultura: Gramsci.** Curitiba: Editora UFPR, 1992.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana.** Unijuí (RS): Ed.Unijuí, 2005.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis.** 2. ed. São Paulo, 2011.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **Historicismo, cultura e formação humana no pensamento de Antônio Gramsci.** 1999, 283 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectual e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação.** v. 8, nº 1, 2008. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/109/120>>. Acesso em: 16 set. 2016.

Recebido em:

Publicado em: 20.04.2020

---

### **Notas:**

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Mestre em Educação (UEPG); Graduado em Pedagogia; Graduado em Filosofia (Licenciatura); Graduado em Ciências da Religião (bacharelado). Possui especialização Lato Sensu em Gestão de Políticas, Programas e Projetos Sociais; especialização Lato Sensu em Ensino Religioso Escolar. É Professor de Filosofia na Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná desde 2010, onde atua com estudantes do Ensino Médio regular e com Educação de Jovens e Adultos. Atuou como professor Colaborador na Universidade Estadual de Ponta Grossa (2015-2017) em cursos de licenciatura (formação de professores/as) com as disciplinas de Políticas Educacionais, Estrutura e funcionamento da educação básica e Fundamentos da educação; Professor colaborador na UEPG (2019- ). Trabalhou como Professor Formador no Curso de Licenciatura em História UAB/UEPG, nos anos de 2015-2016 com a disciplina de Estrutura e funcionamento da educação básica. Estuda e pesquisa os seguintes temas: Formação de professores, Políticas Educacionais, História da Educação, História Intelectual, Intelectual orgânico, Educação e Trabalho. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6914-039X> Email: [rclementecosta@gmail.com](mailto:rclementecosta@gmail.com)

Recebido em: 23.09.2019

Publicado em: 20.04.2020